



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

10 de setembro de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • N° 124

INDRA NAVY, APENAS UM EXERCÍCIO BILATERAL?

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPÇÃO NOGUEIRA (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPARGILHO (EGN)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GECORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILLO CUQUEJO (IBMEC)
LUÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)
ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Decisões sobre a infraestrutura fluvial e marítima argentina5		A renúncia de Abe e os reflexos na política externa japonesa 11	
Guiana tem novo presidente e projeta crescimento econômico recorde6		Gastos militares da China aumentam e EUA acende alerta 12	
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUL DA ÁSIA	
Lei antipirataria da Nigéria e a frágil governança marítima no Golfo da Guiné.....7		Indra Navy, apenas um exercício bilateral? 12	
Investimento em petróleo e gás e as políticas de desenvolvimento em Angola7		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
EUROPA		O desafio da Marinha tailandesa em relação aos grupos insurgentes 13	
Reino Unido e Paquistão conduzem exercícios marítimos conjuntos.....8		ÁRTICO & ANTÁRTICA	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Marinha russa conduz exercícios militares próximos ao Alasca 14	
Turquia anuncia descoberta de gás no Mar Negro, mas tensões seguem no Mediterrâneo.....9		TEMAS ESPECIAIS	
RÚSSIA & Ex-URSS		Governo brasileiro anuncia redação de política sobre minerais estratégicos 15	
Lukashenko e o xadrez pós-soviético 10		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa..... 16	
O Sputnik V: a corrida pela vacina e a geopolítica russa 11		Calendário Geocorrente..... 16	
		Referências..... 17	
		Mapa de Riscos.....18	

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

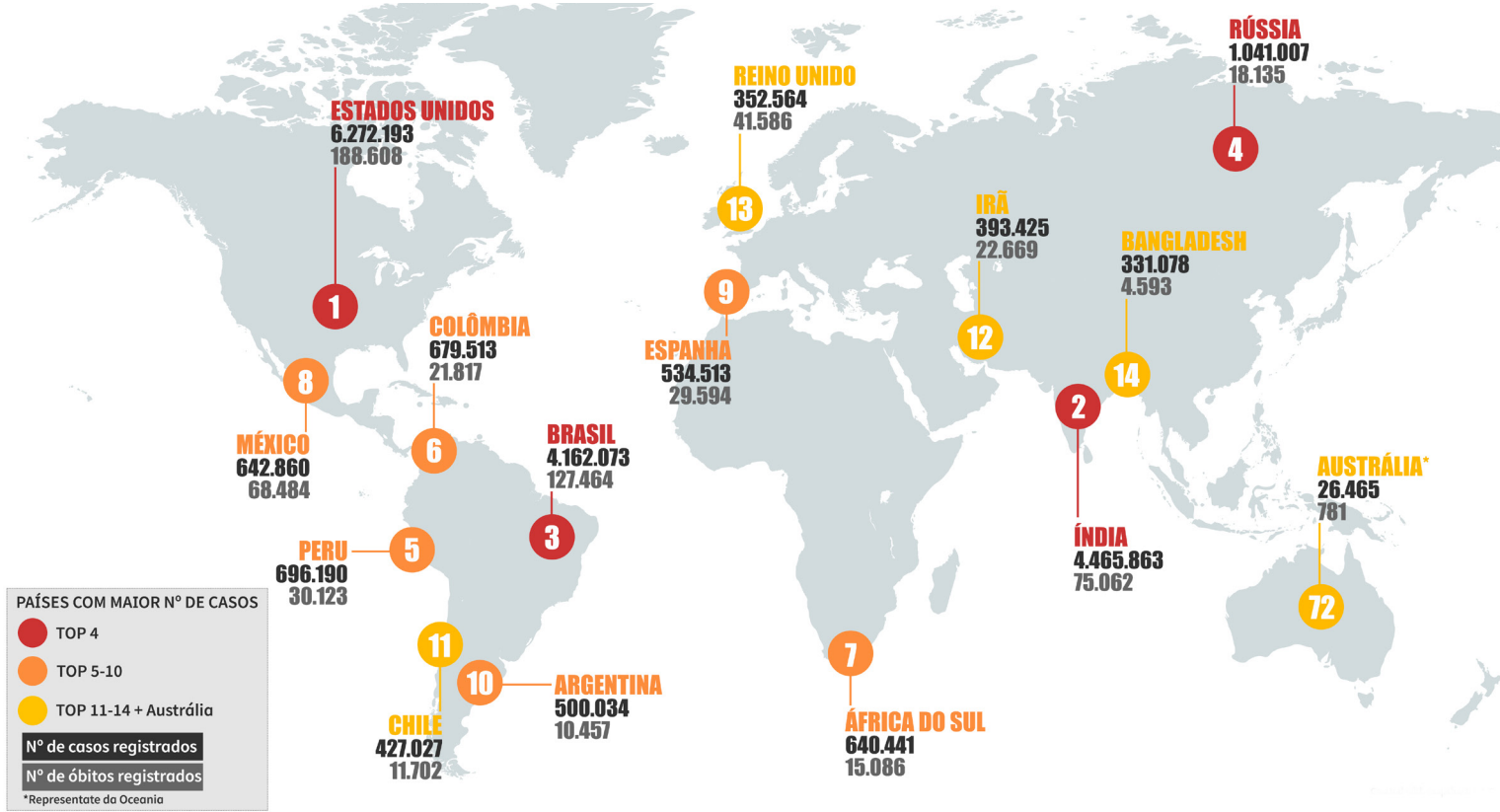


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

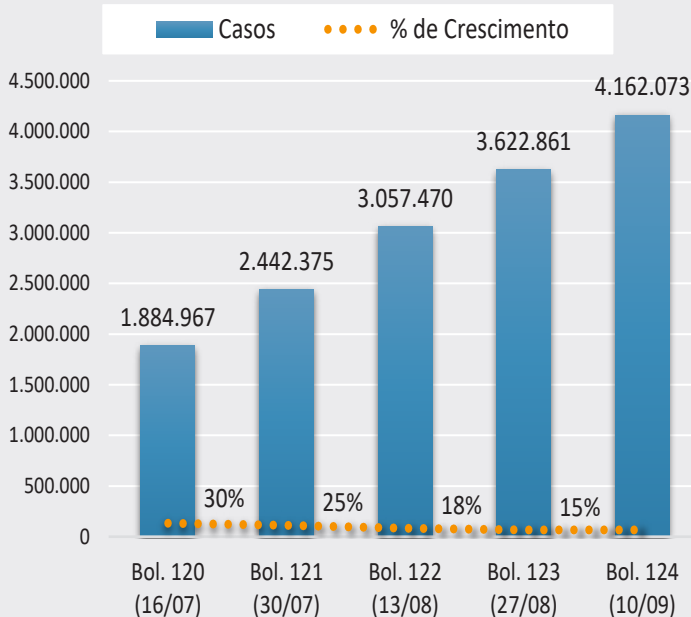
PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 10 de setembro de 2020.

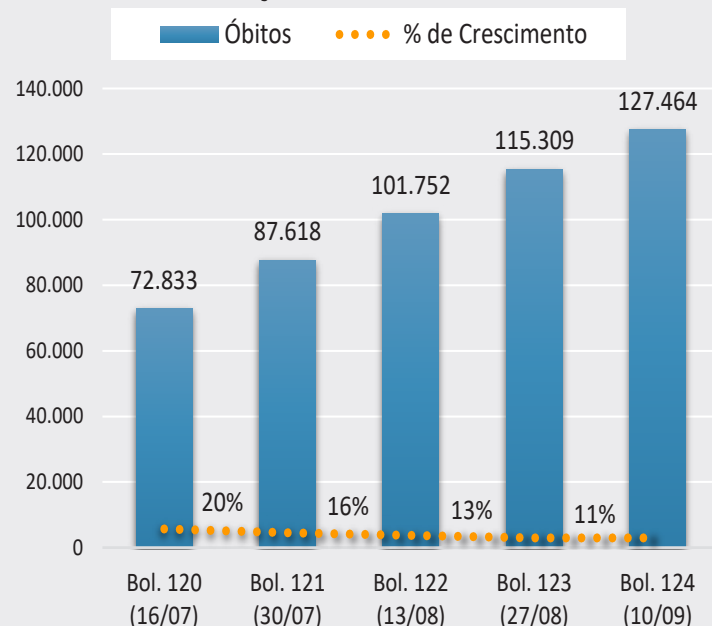


ACOMPANHAMENTO NO BRASIL

Evolução Número de Casos



Evolução Número de Óbitos



Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

Decisões sobre a infraestrutura fluvial e marítima argentina

Carlos Silva Júnior

No final de agosto de 2020, Alberto Fernández, presidente argentino, firmou um acordo federal para gestão do trecho nacional da Hidrovia Paraguai-Paraná (HPP), que atravessa parte do território norte do país. Desde 1995, a gestão é feita pela *Hidrovia S.A.*, uma aliança entre a argentina *Emepa* e a belga *Jan de Nul*, que findará em abril de 2021. O acordo criará a *Administradora Federal Hidrovia Sociedad del Estado*, controlada pelo Estado nacional (51%) e pelas sete províncias (49%) do trecho hidroviário: Buenos Aires, Chaco, Corrientes, Entre Ríos, Formosa, Misiones e Santa Fe.

Na Argentina, esse modal fluvial é a via de exportação para 80% dos produtos agrícolas. Nos mecanismos de integração regional, planeja-se que a HPP seja ininterruptamente navegável, a fim de integrar os países que também estão em sua área de influência (Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai), contudo, pouco se avançou em projetos e investimentos. Em 2020, a pior seca em 22 anos afetou a navegabilidade da hidrovia e conseqüentemente o escoamento dos produtos agrícolas da região, com previsão de impacto para mais 5 anos.

O governo argentino também discute quanto à conexão com a via marítima por meio da possibilidade da construção do Canal Magdalena no Rio da Prata. Essa obra é considerada como uma retomada da soberania argentina na rota de entrada e saída dos navios para os seus portos no rio em questão, dado que atualmente, a rota usada é mais próxima da costa uruguaia. Todavia, critérios econômicos e técnicos apontam descrédito à obra, evidenciando o caráter geopolítico da proposta.

De tal modo, cabe observar o impacto das decisões argentinas em relação à sua infraestrutura fluvial, marítima e portuária, e na sua relação com o Cone Sul. Ademais, a China situa-se como um elemento importante para tais decisões: é o principal parceiro comercial; a Argentina movimenta-se para ingressar no Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura; e uma das subsidiárias da *China Communications Construction Company* manifestou interesse na futura licitação para gestão da HPP e também possui experiência em obras de dragagem já realizadas no país – Canal Martín García, Canal Norte e o acesso ao porto de Buenos Aires.



Guiana tem novo presidente e projeta crescimento econômico recorde

Victor Cabral

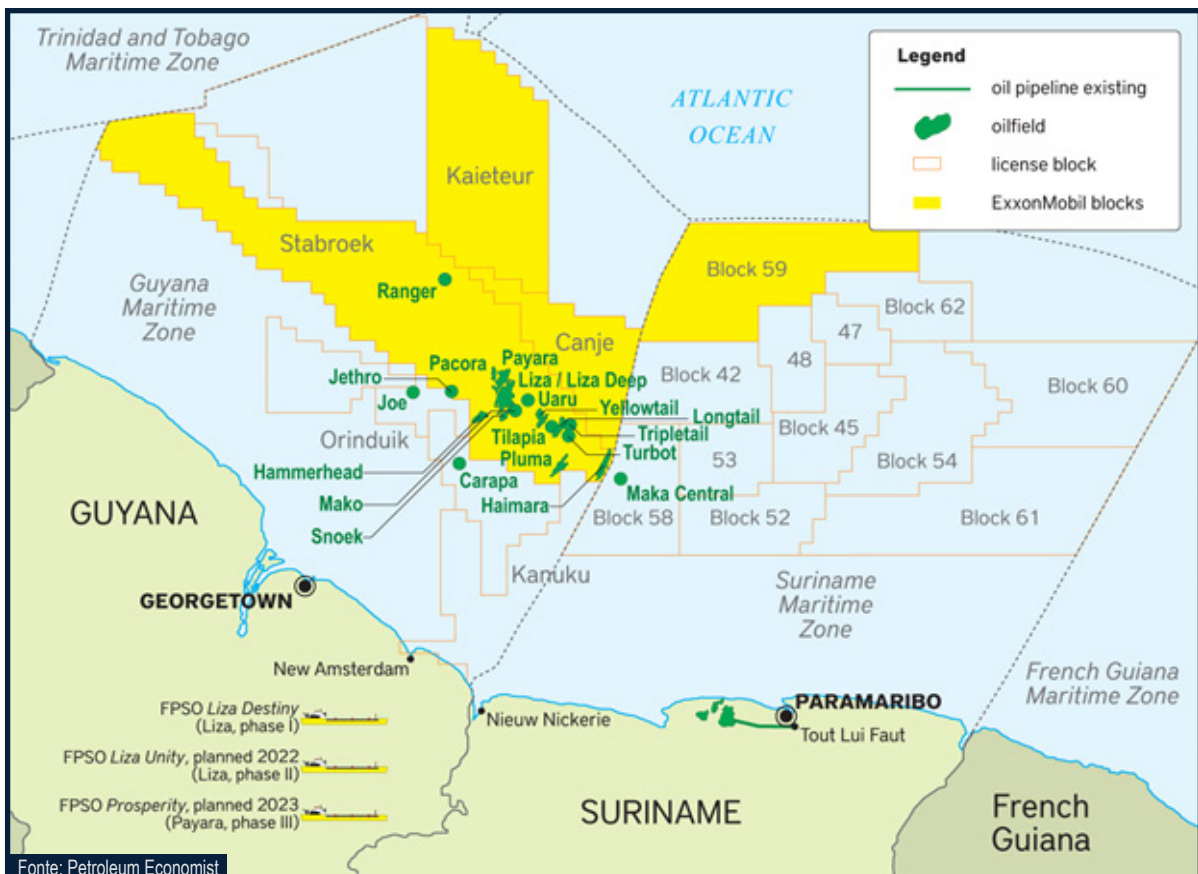
Em 02 de agosto de 2020, Mohammed Irfaan Ali tomou posse como presidente da República Cooperativa da Guiana pelos próximos cinco anos. O líder da oposição foi empossado no mesmo dia em que o resultado oficial foi anunciado, após cinco meses de disputa judicial e política sobre as eleições. O pleito de março foi questionado como fraude, pelo então presidente David Granger.

A definição do vencedor ocorreu após os EUA ameaçarem restringir vistos e da Organização dos Estados Americanos (OEA) e as Nações Unidas (ONU) clamarem pelo respeito à democracia. Observadores internacionais dos EUA, Canadá, União Europeia e Comunidade do Caribe recontaram os votos e garantiram a eleição do líder do *People's Progressive Party*, findando a disputa que preocupava investidores do petróleo.

Os investidores voltaram suas atenções para a Guiana desde 2015, quando a *Exxon Mobil Corp.* descobriu reservas de 8 bilhões de barris de petróleo no bloco *Starbroek*, equivalentes a US\$ 100 bilhões, a 200 km da costa. Dependente da exploração de minérios e da agricultura, a Guiana deixará de ser um dos Estados

mais pobres da América do Sul, podendo ter o maior PIB per capita da região até 2030, de acordo com o Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial. Em 2020, a economia deverá crescer mais de 50% pela exploração do petróleo, apesar da pandemia e queda dos preços dos combustíveis fósseis.

Com o desenvolvimento econômico, o presidente Ali precisará: renegociar os *royalties* do petróleo para o Estado; investir em segurança pública para evitar a instalação de grupos de criminosos no país, bem como em segurança cibernética. Ademais, o país deverá expandir políticas de distribuição de renda para redução da pobreza, apaziguar a divisão étnica e também seguir na disputa com a Venezuela pela região de Essequibo, equivalente a mais de 60% do território da Guiana ([Boletim 120](#)). Com reservas de petróleo, ouro, diamante e outros minerais, Essequibo é disputada pelos dois países há um século, que aguardam na Corte Internacional de Justiça (CIJ) uma solução para o imbróglio territorial e fronteiriço. Para isso, Ali manteve como assessor o ex-ministro das Relações Exteriores de Granger e representante da Guiana no processo, até que a CIJ se decida sobre o caso.



Lei antipirataria da Nigéria e a frágil governança marítima no Golfo da Guiné

João Victor Marques Cardoso

Em 11 de agosto de 2020, um tribunal em Port Harcourt, Nigéria, condenou três indivíduos pelo ataque, em março, ao navio *MV Elobey VI* e cobrança de US\$ 200 mil pelo resgate da tripulação. Em vez de prisão, aplicou-se multa de US\$ 26,3 mil a cada um, tornando-se a primeira sentença condenatória da nova lei antipirataria da Nigéria. Assinada em junho de 2019, por Muhammadu Buhari, a Lei de Supressão da Pirataria e outras Ofensas Marítimas (*POMO Act*, em inglês) é a primeira legislação de um país do Golfo da Guiné voltada, especificamente, para o combate à pirataria. Trata-se de uma resposta aos *stakeholders* marítimos, embora insuficiente para deter no curto prazo uma atividade criminosa crescente e derivada tanto das condições socioeconômicas locais quanto da frágil governança marítima regional.

Entre os avanços promovidos pelo *POMO Act*, destacam-se: definição da pirataria e de outros crimes marítimos; e, abrangência de penalidades, restituição de bens e confisco de rendimentos ilegais ao governo. No entanto, a legislação não prevê o fortalecimento de instituições marítimas como a *Nigerian Maritime Administration and Safety Agency*, combate à corrupção e capacidades institucionais, o que poderia exacerbar a

duplicidade de função e a rivalidade mútua. O *POMO Act* também falha ao operar independentemente de outras leis domésticas sobre armas de fogo, sequestro e lavagem de dinheiro, o que limita o enfrentamento da multidimensionalidade do crime de pirataria, como o recrutamento, a aquisição bélica, o refúgio em terra e o vínculo com crimes financeiros.

Além do aprimoramento do marco legal, as capacidades executivas do Estado precisam acompanhar a complexidade e as alterações na dinâmica regional dos crimes marítimos. Entre 2018 e 2019, sequestros de tripulações cresceram de 78 para 121 no Golfo da Guiné, concentrando 90% dos casos globais. Trata-se de uma tendência que pode se aprofundar em 2020, devido ao colapso dos preços do petróleo e, conseqüentemente, à menor lucratividade do roubo e revenda do barril no mercado ilícito. Ademais, sendo transnacional a natureza da pirataria, compete aos esforços regionais a normalização de um regime legal, a coordenação e os recursos aos organismos criados pelo Código de Yaoundé (2013), como os centros regionais de segurança marítima na África Ocidental e Central (CRESMAO e CRESMAC, respectivamente).

Investimento em petróleo e gás e as políticas de desenvolvimento em Angola

Bruno Gonçalves

Em 18 de agosto de 2020, a empresa *Qatar Petroleum* (QP) anunciou seu novo investimento *offshore* localizado na costa angolana. O bloco de extração contará com 30% de participação da QP, 40% da *Total* (França) e 30% da *Sonangol* (Angola). A estatal do Catar, uma das maiores produtoras de gás natural liquefeito (GNL) do mundo, fechou contratos com outros países da África nos últimos 12 meses: Costa do Marfim, no Atlântico Sul, onde adquiriu participação de 45% em dois blocos operados pela *Total*; Moçambique e Quênia, no Oceano Índico; e Marrocos, no Atlântico Norte.

No intuito de promoção socioeconômica de Angola, em 2019, o executivo lançou o Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022, o segundo exercício de planejamento de médio prazo no âmbito do Sistema Nacional e Planejamento. No mesmo ano, o governo angolano fundou a Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANPG), em conjunto com um plano de seis anos (2019-2025) para o setor, que conta com 55

licitações de campos de petróleo.

Neste mesmo movimento, em julho de 2020, o ministro dos Recursos Minerais, Petróleo e Gás de Angola, Diamantino Pedro Azevedo – atual vice-presidente da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) – revelou o projeto de novas refinarias no país – de Cabinda, Soyo e Lobito – e a modernização de Luanda. Ademais, o ministro anunciou o plano do Polo de Desenvolvimento Diamantífero de Saurimo, que prevê a criação de uma rede de infraestrutura para a mineração e atividade de beneficiamento de diamantes. O país é o quinto maior produtor do mundo, com 7,5 milhões de quilates produzidos, atrás de África do Sul, Botswana, Canadá e Rússia, respectivamente.

Apesar do investimento do Catar em Angola e dos projetos na área de mineração, a pandemia de COVID-19 e os cortes de produção da OPEP desestimulam o investimento no setor e, conseqüentemente, traduzem-se em queda de arrecadação do governo. A produção média »

de Angola está em 249 mil barris/dia, permanecendo, ainda, o segundo maior produtor da África Subsaariana, atrás da Nigéria com 1,7 milhão barris/dia. Atualmente, os campos produtores angolanos têm uma queda anual

de 10-15%, segundo o Ministério do Petróleo, o que compromete a estabilidade econômica de Angola baseada na *commodity*.

EUROPA

Reino Unido e Paquistão conduzem exercícios marítimos conjuntos

Nathália do Vale

No final de agosto, a *Royal Navy* e a Marinha paquistanesa conduziram o exercício conjunto *White Star 2020*, no norte do Mar Árabe e outro exercício, no Golfo de Adem. Estiveram presentes a fragata *HMS Argyll* da classe *Type 23* da Marinha britânica e os navios *Zulfiquar*, *Dehshat* e *Saif* da Marinha paquistanesa. Os exercícios envolveram ações de superfície e de defesa antiaérea, manobras entre os navios e de comunicações para aumentar o grau de interoperabilidade entre as duas Marinhas. Em comunicado oficial, a Marinha paquistanesa afirmou que os exercícios tinham por objetivo demonstrar sua resolução em contribuir com a paz e estabilidade regionais.

Exercícios entre as duas Marinhas têm sido comuns nos últimos anos, tendo o *HMS Argyll* também participado de um deles em 2018. Para além dos laços históricos, essa aproximação pode ser analisada sob a luz da estratégia *Global Britain*. Lançada após o *Brexit*, essa é uma nova estratégia para a política externa britânica, buscando fortalecer relações com parceiros globais para determinar o lugar do Reino Unido no mundo após sua saída da União Europeia. Nesse sentido, exercícios como

o *White Star* funcionam como importantes veículos de "show the flag", lembrando aos atores regionais da presença e interesse britânicos na região e de sua eventual disponibilidade em atuar conjuntamente com o Paquistão no local.

Devido à sua localização estratégica e ao fácil acesso ao Mar Árabe, o Paquistão também é um importante parceiro para assegurar navios britânicos operando na região e em direção ao Estreito de Ormuz, particularmente considerando a presença do Irã e seus sucessivos ataques à petroleiros no ano passado. Além disso, é evidente também a relevância para o Paquistão de demonstrar publicamente sua cooperação militar com o Reino Unido, principalmente diante de recentes acontecimentos. Notícias de que a ilha de Socotra, localizada no Golfo de Adem, possa abrigar uma base de espionagem conjunta entre Israel e Emirados Árabes levantaram possibilidades de monitoramento israelense sobre o Paquistão, trazendo tensões para os países do Golfo. A escolha desse mesmo local para a realização do *White Star*, portanto, pode também ser lida como uma mensagem paquistanesa a esses países de que ele não está sozinho.



Turquia anuncia descoberta de gás no Mar Negro, mas tensões seguem no Mediterrâneo

Dominique Marques

No último dia 21 de agosto, a Turquia anunciou a maior descoberta de reservas de gás na história do Mar Negro. Estima-se em cerca de 320 bilhões de metros cúbicos de gás natural e a proposta é iniciar a produção em 2023. Nos últimos anos a Turquia comprou três navios sonda ao aumentar suas atividades de exploração tanto no Mediterrâneo quanto no Mar Negro. O projeto de descoberta de gás parece ser uma ambição geopolítica do presidente Erdogan, uma vez que ele nomeou um dos navios como “*Fatih*”, em menção ao sultão do Império Otomano, Mehmed II, responsável pela queda do Império Bizantino ao tomar Constantinopla em 1453.

A intenção de tornar a Turquia grandiosa novamente é uma estratégia do presidente, no poder desde 2003, conhecida por “neo-otomanismo”, buscando retomar valores e culturas do grandioso império e, portanto, voltar a ser potência regional. Após recuar nos exercícios no Mediterrâneo ao receber avisos de retaliação por parte da Grécia há cerca de um mês ([Boletim 121](#)), no último dia 29, Erdogan voltou atrás e anunciou que continuará realizando exercícios militares no Mediterrâneo Oriental. De acordo com o comunicado emitido pela Marinha turca, os “exercícios de tiro-real” (exercícios militares

com cenário realístico e uso de equipamentos) serão realizados entre 29 de agosto e 11 de setembro na área marcada ao sul da cidade de Anamur, entre a costa turca e o Chipre. Enquanto isso, o navio sonda turco, *Oruç Reis*, prossegue operando na área até 12 de setembro.

Cabe lembrar que no início deste ano foi inaugurado o *TurkStream*, um gasoduto entre Rússia e Turquia, cortando o Mar Negro e operado pela gigante russa *Gazprom*. Diante da descoberta de gás no Mar Negro e deste posicionamento turco pela soberania regional, fica a indagação de como ficarão as relações com a Rússia, país que detém as maiores reservas de gás do mundo. O ministro de Finanças turco, Berat Albayrak, afirmou que ambos podem seguir cooperando, e ainda incluir o Irã, segunda maior reserva de gás do mundo, nesta aliança. A questão energética parece ser um elemento central no projeto da Turquia, de não somente se tornar uma potência regional, como também de criar um forte entreposto às potências ocidentais que predominaram em poder desde o fim da Segunda Guerra Mundial, colocando em xeque seus *status quo*. A geopolítica no Leste Europeu e no Mediterrâneo está, ainda que aos poucos, certamente se alterando.



Lukashenko e o xadrez pós-soviético

Luiza Guitarrari

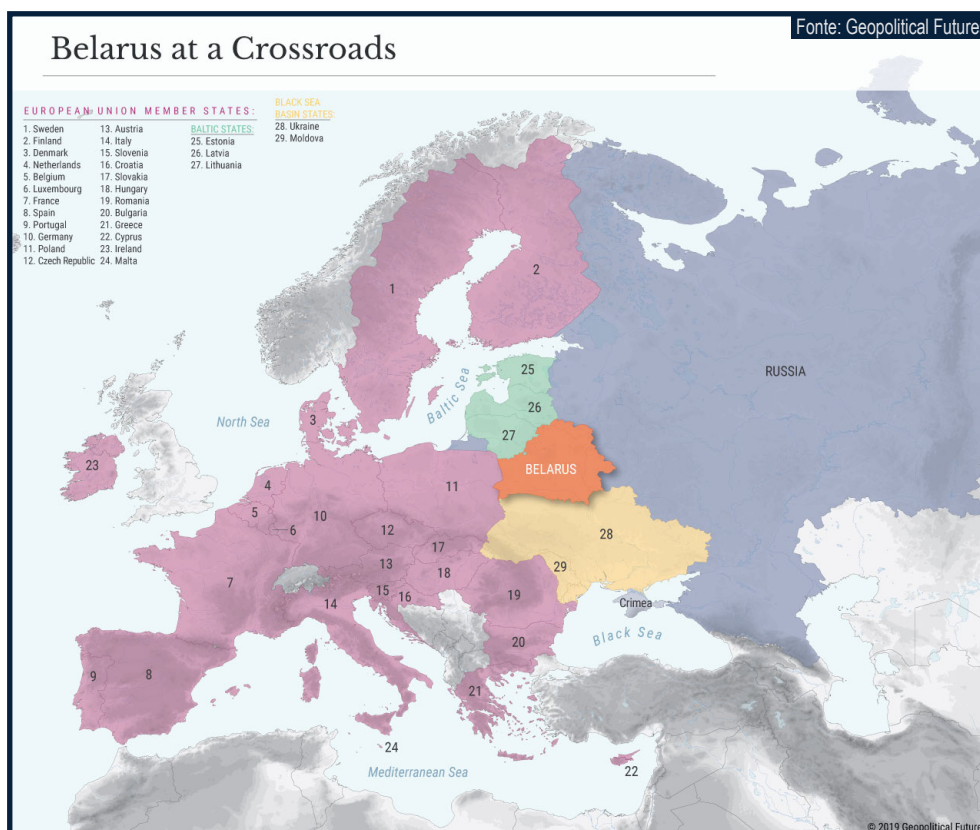
Enfrentando uma crise econômica e os impactos provocados pela COVID-19, Belarus tem vivido crescentes movimentos de contestação política nas últimas semanas. No poder desde 1994, Alexander Lukashenko foi reeleito presidente, em 09 de agosto, com expressivos 80% dos votos. Sua campanha eleitoral foi marcada pela apreensão de candidatos da oposição e subsequente falta de transparência nos processos. Assim, protestos pró-democracia foram deflagrados pelo território nacional, chamando a atenção de observadores internacionais devido ao alto grau de violência empregado pelas forças policiais. Determinado a manter-se no poder e sendo alvo de críticas internacionais, Lukashenko acabou recorrendo ao presidente russo no dia 15 de agosto.

Vladimir Putin assegurou que, caso ocorresse incursão de tropas militares estrangeiras no território bielorrusso, o Kremlin estaria de “prontidão para prestar assistência na resolução dos desafios enfrentados por Belarus”. Embasado pelos princípios da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO, em inglês), é responsabilidade dos seis ex-países soviéticos da aliança militar defenderem-se mutuamente em caso de agressões externas. Paralelamente ao rigoroso controle e mobilização do Exército bielorrusso na divisa ocidental, manobras de prontidão foram realizadas por tropas

russas em Kaliningrado, importante *oblast* situado entre Lituânia e Polônia.

Enquanto isso, no dia 19, durante a cúpula de emergência do Conselho Europeu, Bruxelas expôs seu rompimento com o governo de Minsk. Após deliberações, iniciou-se um processo legal para a imposição de sanções a indivíduos alegadamente envolvidos com a violência no país, bem como aqueles envolvidos em fraudes eleitorais. Além da aprovação de um pacote financeiro de € 53 milhões destinados à segurança da população e ao combate da COVID-19 em Belarus, os países membros da União Europeia manifestaram seu apoio à mediação internacional proposta pela OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa).

Favoráveis a uma transição democrática, os líderes europeus consideram Moscou o ator central na mudança política bielorrussa: questões econômicas podem desempenhar um papel crucial no curso da crise política, visto que a Rússia é sua principal fonte de empréstimos externos, representando 48% da dívida externa. Devido à manutenção de gasodutos e oleodutos estratégicos com destino à Europa e por ser um importante ator na proteção dos flancos ocidentais da Rússia, Belarus é uma peça-chave na manutenção do espaço pós-soviético. Destarte, Vladimir Putin deve mediar um acordo sem desafiar seus interesses centrais.



O Sputnik V: a corrida pela vacina e a geopolítica russa

Pérsio Glória de Paula

No dia 11 de agosto, o presidente russo, Vladimir Putin, anunciou oficialmente que a Rússia desenvolveu uma vacina para o novo coronavírus. Naquela ocasião, a notícia levantou dúvidas entre analistas e na mídia ocidental, que destacaram a falta de informações sobre essa vacina e a possibilidade de o anúncio ser um “golpe publicitário” do presidente russo. Entretanto, no dia 04 de setembro, dados relativos à eficácia e à segurança da vacina *Sputnik V* foram divulgados em um artigo publicado na *The Lancet*, revista científica sobre medicina renomada internacionalmente. Inclusive, a vacina já foi distribuída em Moscou para fase final de testes, onde 40 mil voluntários serão vacinados. As autoridades estudam iniciar o processo em civis das áreas da educação e saúde ainda em setembro; já as vacinações em massa são esperadas para outubro.

Além de benefícios socioeconômicos, como a retomada antecipada das atividades econômicas e os lucros com a exportação, evidencia-se também o aspecto geopolítico na corrida global pela vacina. Para a Rússia, possuir uma vacina própria tanto serve para manter sua autonomia diante de outras potências quanto é uma

ferramenta para a diversificação de parcerias, já que possibilita contornar o Ocidente e expandir sua influência global. Moscou afirmou que mais de um bilhão de doses já foram solicitadas por pelo menos vinte países, e que também negocia a possibilidade de produção local da vacina com países como Índia, Turquia, Coreia do Sul e o próprio Brasil.

Contudo, a grande aposta do Kremlin reside não só em desenvolver e fornecer uma vacina, mas também em ser o primeiro país a fazê-la, pois, como apontado por alguns analistas, o feito será um marco histórico do século XXI. Não à toa, o nome da vacina russa (*Sputnik V*) faz referência ao primeiro satélite artificial colocado em órbita na história, remontando à corrida espacial da Guerra Fria (1947-1991) e criando um paralelo com o pioneirismo, o prestígio e as capacidades do período soviético. Além da questão da popularidade e da aprovação interna, uma vitória na corrida pela vacina fortaleceria a ideia de que a Rússia é novamente uma grande potência e um polo de poder mundial autônomo, capaz até de competir com Estados Unidos e China em algumas áreas.

LESTE ASIÁTICO

A renúncia de Abe e os reflexos na política externa japonesa

Vinícius Guimarães Reis Gonçalves

De maneira inesperada, o primeiro-ministro Shinzo Abe anunciou a sua renúncia ao cargo no dia 28 de agosto. Imediatamente ao anúncio, as forças políticas japonesas começaram a se movimentar para preencher o vácuo. Abe foi o chefe de governo japonês a permanecer mais tempo no cargo, contudo, sua saída trouxe muitos questionamentos ao seu “legado”.

Apesar de Abe ter alegado um problema crônico de saúde, muitos analistas creem que motivos externos possam ter influenciado uma decisão “prematura”. Nos últimos anos, Abe tem perdido, gradativamente, grande parte do seu poder político e da capacidade de implementar reformas estruturais.

Cabe ressaltar que as principais críticas à administração de Abe vêm do campo doméstico. De um lado, as suas reformas econômicas, cunhadas de Abenomics, mostraram-se insuficientes para lidar com questões estruturais nos últimos 8 anos. Do outro lado, a reformulação da Constituição japonesa, de maneira a ampliar a capacidade de emprego das Forças Armadas, é polêmica tanto no meio político quanto na sociedade de uma maneira geral.

Enquanto, de um lado, grande parte da sociedade

se mostra resistente ao que consideram como o “fim de uma Constituição pacifista”, do outro, aliados reclamam da demora de Abe para implementar a reforma, mesmo tendo maioria nas duas câmaras do Parlamento. Com a sua saída, e com a pandemia, muitos acreditam que o governo tenha perdido o *timing* para modificar a Constituição. Isto pode impactar diretamente no emprego das Forças Armadas, conforme as diretrizes estabelecidas no Livro Branco de Defesa 2020, que seria o principal legado e plataforma de campanha de Abe.

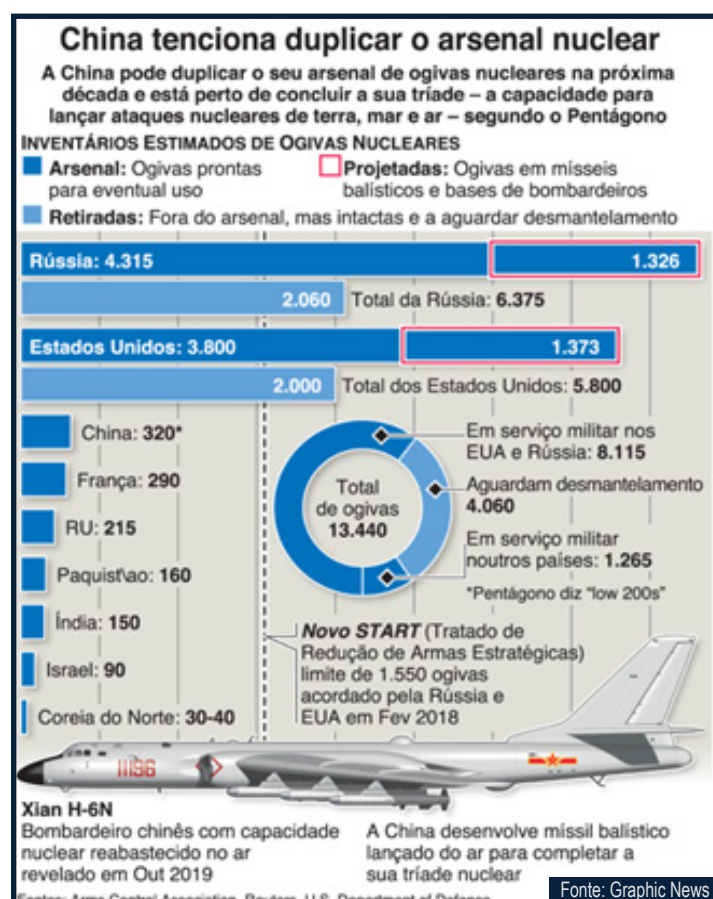
Por enquanto, ainda não se tem um grande “favorito” na corrida pela sua sucessão. Porém, podemos afirmar que o próximo primeiro-ministro terá que se portar de maneira similar a Abe no campo geopolítico. Pragmaticamente falando, seria inviável qualquer mudança extrema nos rumos da política externa japonesa. Concomitante à pandemia do novo coronavírus, a atual conjuntura não permite a mudança brusca das diretrizes diplomáticas e de Defesa. A aliança com os EUA, lembrando dos possíveis desdobramentos da disputa eleitoral estadunidense, a Península Coreana e as relações sino-japonesas continuarão ditando os rumos da política externa no curto/médio prazo.

No dia 02 de agosto de 2020, o Departamento de Comércio dos Estados Unidos colocou na lista negra 24 empresas estatais chinesas, sob justificativa de ajudarem o Partido Comunista da China a militarizar postos avançados no Mar do Sul da China. A lista proíbe empresas estadunidenses de fazer negócios e exportar produtos, a menos que tenham uma licença especial. Ainda em agosto, o Departamento de Defesa dos EUA apresentou o relatório anual sobre gastos militares chineses ao Congresso do país, sinalizando que a China deve dobrar o número de ogivas nucleares na próxima década em relação ao número atual, que gira em torno de 200.

O orçamento militar chinês quase dobrou nos últimos 10 anos. Dados de 2010 a 2019 indicam que este cresceu a uma média anual de aproximadamente 8% em termos ajustados pela inflação. Em 2019, o país teve um aumento de US\$ 74 bilhões (1,3% de seu produto interno bruto). O relatório aponta que a China ultrapassou os EUA em números de lançamento e alcance de mísseis de cruzeiro lançados do solo. Ressalta-se que a Marinha chinesa é a maior do mundo em termos numéricos, possuindo, aproximadamente, 350 navios e submarinos. Em comparação, a Marinha dos EUA conta com cerca de 293 navios. Destaca-se, todavia, a falta de transparência chinesa em categorias como Pesquisa e Desenvolvimento e aquisição de armas estrangeiras, o que dificulta o cálculo dos gastos.

Apesar dos investimentos militares chineses, que demonstram aumento por 20 anos consecutivos, o arsenal nuclear do país representa pequena fração em comparação aos EUA, com 3.800 ogivas, e a Rússia, com 4.315. A intenção estadunidense com as recentes dissensões é de

que a China participe das negociações para estender o Novo START (tratado de armas nucleares entre os EUA e a Rússia), o qual expira em fevereiro de 2021. A China não tem interesse em se juntar às negociações, visto que seu arsenal é ínfimo frente ao dos EUA e Rússia. Além disso, rebateu as informações do relatório estadunidense, classificando-o como “cheio de preconceito” e “visões distorcidas sobre as intenções estratégicas chinesas”.



SUL DA ÁSIA

Indra Navy, apenas um exercício bilateral?

Marina Corrêa

A 11ª edição do exercício naval *Indra Navy* ocorreu nos dias 04 e 05 do presente mês. Sendo um exercício bilateral indo-russo, executado desde 2003 de maneira bienal, tendo, neste ano, como palco a Baía de Bengala e devido à COVID-19 sem contato direto entre os militares. Não obstante, como forma de “consolidar a interoperabilidade e aprimorar os conhecimentos em operações marítimas com múltiplas ameaças” entre elas, contou com exercícios de superfície e antiaéreos, de tiro, e operações de helicóptero.

Do lado indiano, foram destinados ao evento o contratorpedeiro de mísseis guiados classe *Rajput*, o *INS Ranvijay* (antiga embarcação russa), a fragata *Sahyadri* (da classe *Shivalik*, principal da Marinha) e o navio tanque *INS Shakti*, isso sem mencionar os helicópteros orgânicos. Do lado russo, estavam os contratorpedeiros *Admiral Vinogradov* e *Admiral Tributs*, e o navio-tanque *Boris Butoma*. Tal exercício ocorreu em meio a inúmeras questões conturbadas para o triângulo regional Índia-China-Rússia.

No início de agosto, a Índia teria aceitado fazer parte do exercício militar russo, *Kavkaz 2020*, que ocorrerá agora em setembro. Entretanto, após a divulgação recente de imagens via satélite que apontariam para uma movimentação do Exército de Libertação Popular chinês na Linha de Controle Real (violando o consenso alcançado em junho após o confronto entre os países), o país sul asiático anunciou, no dia 29 de agosto, que teria mudado de decisão, desligando-se do evento futuro. Concomitantemente, no dia 05 de setembro, ocorreu uma reunião entre o ministro de Defesa indiano, Rajnath Singh, e seu homólogo russo, os quais discutiram sobre a oficialização da produção de fuzis *AK 203* e a entrega do

lote de sistemas de defesa *S-400* (projetos acordados em novembro de 2019 - [Boletim 108](#)).

A parceria entre Nova Délhi e Moscou torna-se cada vez mais forte, visto que há um interesse comum, e explícito, por trás das políticas externas dos países, de manter a segurança do Oceano Índico. Contudo, nota-se, implicitamente, a busca por conter a China, de exemplo, a localidade escolhida para o exercício *Indra 2020*, é extremamente estratégica, haja vista a proximidade com as ilhas indianas de Andaman e Nicobar e do Estreito de Malaca, um dos principais *chokepoints* do mundo e importantíssimo para o comércio marítimo chinês.



SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

O desafio da Marinha tailandesa em relação aos grupos insurgentes

Matheus Bruno Pereira

A Tailândia enfrenta há décadas um conflito na região sul do país, onde diversos grupos separatistas reivindicam sua autonomia. Neste conflito, sublinham-se os constantes ataques desses grupos, tanto contra membros das forças de segurança quanto civis, resultando em milhares de mortes que aumentaram de maneira acentuada a partir da primeira década dos anos 2000. O maior grupo insurgente, *Barisan Revolusi Nasional* (BRN), começou o processo de negociação com o governo tailandês ainda em 2013, contudo, sendo interrompido em 2014 com o golpe militar.

A partir de então, as concessões antes negociadas e acordadas foram retiradas da mesa pelo governo tailandês, causando descontentamento entre os

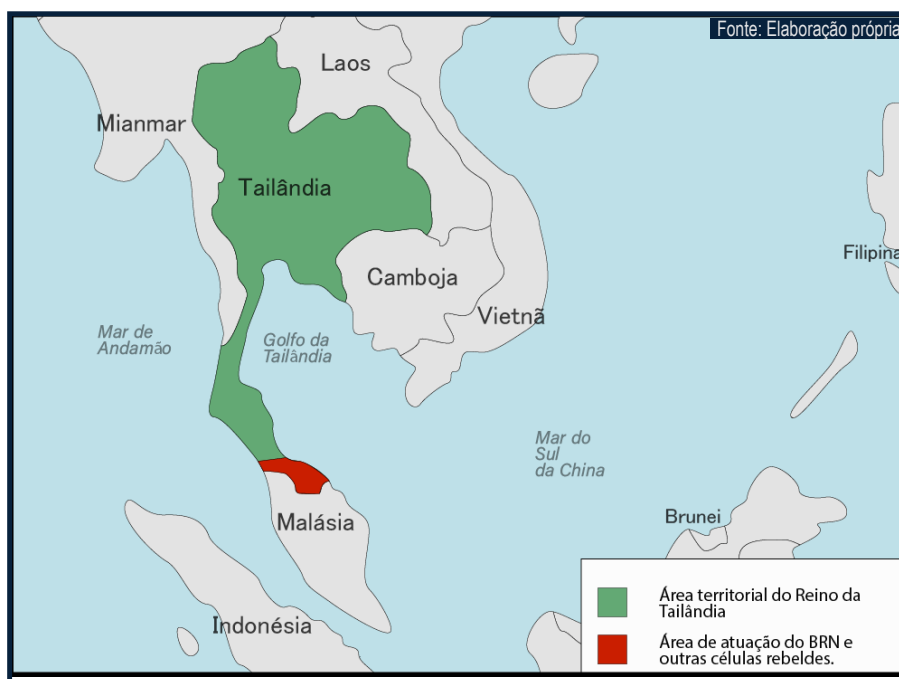
integrantes do BRN, que se retiraram das negociações de paz em 2015; voltando a mostrar disponibilidade para o diálogo em 2017, caso certas medidas fossem concedidas, como uma terceira parte para mediar e testemunhar as conversas. Apesar da perspectiva de um acordo de paz ter caminhado, atualmente os encontros estão paralisados devido à pandemia.

As formas pelas quais esses grupos angariam recursos são realizadas, em parte, através de ações ilícitas que abrangem desde o tráfico de armas até o tráfico de pessoas. O governo tailandês afirma, ainda, que também há a comercialização de drogas realizada pelos grupos insurgentes. Para isso, o uso do mar por essas células pode ser uma das suas formas de ação. A posição geográfica

onde se encontram beneficia suas articulações, com acesso ao Mar de Andamão e ao Golfo da Tailândia, esse segundo, onde se supõe ser a localidade do maior trânsito das armas e material bélico transportada, tendo como origem o Camboja.

A impunidade presente nesse meio abre um questionamento sobre a capacidade de Bangkok em lidar com a situação que ocorre em suas próprias águas. É possível notar, contudo, alguma reação, na medida em que novos navios-patrolha foram adquiridos recentemente; e atritos burocráticos foram sanados —

como a facilitação de questões sobre jurisdição entre entidades governamentais — visando agilizar qualquer resposta a ameaças. Apesar de questionamentos sobre a necessidade de uma Guarda Costeira para o país, é pouco provável que conseguisse entrar em operação em futuro próximo, levando em consideração as consequências econômicas impostas pela pandemia. Ainda assim, o fato demonstra a necessidade de possuir uma força capaz de detectar e interceptar ações ilícitas em águas nacionais, o que favoreceria o sufocamento dessas células locais.



ÁRTICO & ANTÁRTICA

Marinha russa conduz exercícios militares próximos ao Alasca

Raphaella Costa

Em 27 de agosto de 2020, foi divulgado pelo Ministério da Defesa da Rússia, um exercício militar próximo ao território do Alasca sob jurisdição dos Estados Unidos. O almirante Nikolai Yevmenov, chefe da Marinha russa, afirmou que a atividade foi realizada no Mar de Bering e contou com 50 embarcações e 40 aeronaves, envolvendo o lançamento de mísseis. Os exercícios, executados sob a égide dos esforços da Rússia em intensificar a sua presença e garantir a proteção dos seus recursos naturais, foram os maiores do país na região desde a extinta União Soviética.

Dentre as embarcações empregadas, é relevante destacar a presença do submarino nuclear *Omsk* que, segundo a Esquadra Russa do Pacífico, juntamente com o cruzador *Varyag*, lançou mísseis de cruzeiro sobre um alvo no Mar de Bering. No mesmo dia, de acordo com a *Associated Press*, a Força Aérea dos Estados Unidos

interceptou com caças *F-22*, seis aviões russos de patrulha marítima *Tu-142*, que sobrevoaram a região por aproximadamente cinco horas e chegaram a 50 milhas náuticas do território do Alasca, permanecendo, contudo, no espaço aéreo internacional. Da mesma forma, as embarcações russas não entraram em momento algum em águas estadunidenses. As atividades contaram, ainda, com o lançamento de mísseis de cruzeiro *Onyx* contra um alvo no Golfo de Anadyr, na costa da Península de Chukchi.

Este tipo de exercício faz parte do grande projeto da Rússia em expandir suas forças e infraestruturas em direção ao Ártico. Nos últimos anos, houve a construção e renovação de diversas instalações na região polar, incluindo bases militares e meios adicionais para possibilitar a defesa aérea. A prioridade russa no aumento de sua capacidade de defesa na região polar justifica-se por >>>

meio de estimativas divulgadas pelo presidente Vladimir Putin de que o extremo norte abriga uma reserva ainda não explorada de cerca de um quarto do petróleo e gás do planeta, avaliada em US\$ 30 trilhões. Com as mudanças

climáticas, há a expectativa de um aumento cada vez maior do tráfego mercante na Rota Norte, aumentando ainda mais o interesse e a importância geopolítica do Oceano Ártico.



TEMAS ESPECIAIS

Governo brasileiro anuncia redação de política sobre minerais estratégicos

Victor Gaspar Filho

O Ministério da Economia do Brasil publicou, em agosto de 2020, uma resolução que dispõe sobre a redação da Política “Pró-Minerais Estratégicos”. A medida tem como objetivo a implementação de iniciativas de mineração para o desenvolvimento nacional. O texto define como minerais estratégicos aqueles que o Brasil importa em grande escala, para setores vitais da economia, que têm aplicação em produtos de alta tecnologia ou aqueles em que o país desfruta de vantagens comparativas no setor. Cabe ressaltar que a terminologia é normalmente aplicada a minerais não-energéticos.

A resolução prevê também a criação de um Comitê Interministerial de Análise de Projetos de Minerais Estratégicos a ser composto pelo Ministério de Minas e Energia; o Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República; o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações; a Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos da Presidência da República; e a Secretaria Especial do Programa de Parceria de Investimentos. Será competência do Comitê a publicação da relação dos minerais que se enquadrem no texto da resolução, assim como a análise e habilitação de projetos, a comunicação direta com o Conselho do Programa de Parcerias de Investimentos e a realização de acompanhamento constante da performance da Política.

Muitos dos minerais produzidos em solo nacional

são considerados críticos para outros países. Reservas brasileiras incluem metais de base e metais menores, sendo aplicados tanto em infraestrutura quanto em produtos de alta tecnologia nas cadeias de valor internacionais. A produção de minerais e derivados (incluindo hidrocarbonetos) compôs, em 2019, 35% da receita gerada por exportações e os cinco maiores compradores desses produtos foram a China, os Estados Unidos, Canadá, Cingapura e Países Baixos. No ano de 2018, o Brasil produziu uma parcela internacional de 86,5% de nióbio, 18,7% de minério de ferro, 13,2% de tântalo, 12,5% de vermiculita, 10,9% de amianto, 10% de talco e pirofilita, 8,9% de bauxita, 8,5% de grafite, 6,9% de manganês, e 6,2% de alumina.

Estratégias estrangeiras têm como principal objetivo a redução de dependência externa. A produção e as reservas brasileiras de minerais são substanciais e podem auxiliar Estados parceiros a diversificarem suas importações, oferecendo alternativas ao mercado predominantemente constituído de empresas chinesas. A exemplo de estratégias de outros atores voltadas para o setor mineral, é importante observar a necessidade de uma política de investimento na indústria brasileira para além da fase de extração de minerais, refinando-os e beneficiando-os, de forma a exportar produtos de maior valor agregado.

- ▶ [The Map is Never Neutral](#)
THE STRATEGY BRIDGE, Walker D. Mills
- ▶ [The Coming Revolution in Intelligence Affairs](#)
FOREIGN AFFAIRS, Anthony Vinci
- ▶ [Beijing's strategy: Conquering the Heartland](#)
MODERN DIPLOMACY, Sojla Sahar
- ▶ [What the Pentagon's new report on China means for US strategy — including on Taiwan](#)
BROOKINGS, Michael E. O'Hanlon
- ▶ [Whatever the question, the answer is Germany](#)
THE ECONOMIST
- ▶ [Beyond Tiktok: Preparing For Future Digital Threats](#)
WAR ON THE ROCKS, Kara Frederick, Chris Estep e Megan Lamberth
- ▶ [U.S. Coast Guard Joins Ecuador to Deter Illegal Fishing Off Galapagos](#)
THE MARITIME EXECUTIVE
- ▶ [Nothing Has Changed With Taiwan](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

SETEMBRO

- 10** Reunião de ministros das Relações Exteriores dos BRICS
- 15-30** 75ª Assembleia Geral da ONU
- 21-26** Exercício KAVKAZ 2020
- 24-25** Reunião Especial do Conselho Europeu

OUTUBRO

- 07-08** Cúpula Global de Inteligência Artificial (Riad, Arábia Saudita - Virtual)
- 12-18** Reunião do FMI, Washington D.C.
- 15-16** Reunião do Conselho Europeu
- 17** Eleições legislativas na Nova Zelândia
- 18** Eleições presidenciais na Bolívia
- 18** Eleições presidenciais na Guiné
- 25** Plebiscito do Chile para uma nova Constituição
- 31** Eleições presidenciais da Costa do Marfim

REFERÊNCIAS

- **Decisões sobre a infraestrutura fluvial e marítima argentina**

PROFETA, Damian. [Empresa china apuesta a gestiona autopista fluvial en Argentina](#). Diálogo Chino, 28 ago. 2020. Acesso em: 05 set. 2020.
NIEBIESKIKWIAT, Natasha. [Más cercanía a China: El Gobierno activa la adhesión al Banco Asiático de Inversiones en Infraestructura](#). Clarín, 23 ago. 2020. Acesso em: 05 set. 2020.

- **Guiana tem novo presidente e projeta crescimento econômico recorde**

CAHILL, Ben. Guyana: [Oil, Politics, and Great Expectations](#). Center for Strategic and International Studies. 03 ago. 2020. Acesso em: 20 ago. 2020.

CHARLES, Jacqueline. [Opposition leader Irfaan Ali sworn in as president of Guyana after drawn-out dispute](#). Miami Herald. 02 ago. 2020. Acesso em: 20 ago. 2020.

- **Lei antipirataria da Nigéria e a frágil governança marítima no Golfo da Guiné**

BAGNETTO, Laura Angela. [Nigeria convicts first pirates under new anti-piracy law](#). RFI, 14 ago. 2020. Acesso em: 20 ago. 2020.

OGBONNAYA, Maurice. [Is Nigeria's new anti-piracy law enough to combat maritime piracy?](#). ENACT Africa, 07 maio 2020. Acesso em: 21 ago. 2020.

- **Investimento em petróleo e gás e as políticas de desenvolvimento em Angola**

GUPTA, Eklavya; MCQUE, Katie. [Qatar Petroleum sets foot in Angola with Block 48 farm-in](#). S&P Global, 18 ago. 2020. Acesso em: 05 set. 2020.

[ANPG lança concurso para desenvolvimento de campos marginais](#). Jornal de Angola, 31 ago. 2020. Acesso em: 05 set. 2020.

- **Reino Unido e Paquistão conduzem exercícios marítimos conjuntos**

[Pak-Britain naval drill head](#). Dawn, 29 ago. 2020. Acesso em: 04 set. 2020.

[UAE and Israel to establish spy base in Yemen Island](#). Middle East Monitor, 28 ago. 2020. Acesso em: 05 set. 2020.

- **Turquia anuncia descoberta de gás no Mar Negro, mas tensões seguem no Mediterrâneo**

SEZER, Murad. [Turkey issues maritime advisory over live-fire drills in contested Eastern Mediterranean until September 11](#). Russian Times, 29 ago. 2020. Acesso em: 03 set. 2020.

GUMRUKCU, Tuvan. [Turkey says gas find could bring cooperation with Russia, Iran](#). Reuters, 25 ago. 2020. Acesso em: 03 set. 2020.

- **Lukashenko e o xadrez pós-soviético**

ASLUND, Anders. [Why Vladimir Putin is unlikely to invade Belarus](#). Atlantic Council, 16 ago. 2020. Acesso em: 22 ago. 2020.

BRZOWSKI, Alexandra. GOTEV, Georgi. [Crisis in Belarus not geopolitical, EU leaders say after 3-hour summit](#). Euractiv, 19 ago. 2020. Acesso em: 22 ago. 2020.

- **O Sputnik V: A corrida pela vacina e geopolítica russa**

LOGUNOV, Denis Y et al. [Safety and immunogenicity of an rAd26 and rAd5 vector-based heterologous prime-boost COVID-19 vaccine in two formulations: two open, non-randomised phase 1/2 studies from Russia](#). The Lancet, 04 set. 2020. Acesso em: 04 set. 2020.

[First batch of COVID-19 vaccine arrives in three Moscow clinics](#). Tass, 04 set. 2020. Acesso em: 04 set. 2020.

- **A renúncia de Abe e os reflexos na política externa japonesa**

[What will be Abe's legacy as the longest-serving prime minister?](#) The Japan Times, 27 ago. 2020. Acesso em:

ADLAKHA, Hemant. [Chinese Experts Think US-China Rivalry Accelerated Abe Shinzo's Departure](#). The Diplomat, 02 set. 2020. Acesso em:

- **Gastos militares da China aumentam e EUA acende alerta**

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020](#). Departamento de Defesa, 21 ago 2020. Acesso em: 03 set. 2020.

DELANEY, Robert. [US orders fresh sanctions on Chinese firms over South China Sea 'militarization'](#). South China Morning Post, 26 ago. 2020. Acesso em: 03 set. 2020.

- **IndraNavy, apenas um exercício bilateral?**

[China-India border dispute: army says it thwarted Chinese bid to alter status quo in Ladakh](#). South China Morning Post, 31 ago. 2020. Acesso em: 02 set. 2020.

[INDRA NAVY 2020: Indian, Russian navies begin naval exercise; guided missile destroyers, frigates in action](#). Times Now News, 04 set. 2020. Acesso em: 04 set. 2020.

- **O desafio da Marinha tailandesa em relação aos grupos insurgentes**

GINKEL, Michael van. [Thailand's Deep South Insurgencies: Exploiting the Maritime Domain](#). The Diplomat, 14 ago. 2020. Acesso em: 22 ago 2020.

ABUZA, Zachary. [No End in Sight for Thailand's Deadly Southern Insurgency](#). The Diplomat, 18 jul. 2017. Acesso em: 22 ago. 2020.

- **Marinha russa conduz exercícios militares próximos ao Alasca**

[Russian navy conducts major maneuvers near Alaska](#). Anchorage Daily News, 29 ago. 2020. Acesso em: 03 set. 2020.

TREVITHICK, Joseph. [Russian Submarine Sets Off Alarm Bells After Surfacing Near Alaska Amid Rash Of Posturing \(Updated\)](#). The Drive, 28 ago. 2020. Acesso em: 03 set. 2020.

- **Governo brasileiro anuncia redação de política sobre minerais estratégicos**

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. [Resolução CPPI Nº 126, de 10 de junho de 2020](#). Diário Oficial da União, 04 ago. 2020. Acesso em: 05 set. 2020.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Mineral Commodity Summaries 2020: U.S. Geological Survey, 2020, 200 p](#). Departamento do Interior, 2020. Acesso em: 05 set. 2020.

CAPA:

[NAVIO INDIANO DISPARA MÍSSIL DURANTE A EXECUÇÃO DO EXERCÍCIO INDRA NAVY 2020](#). POR: INDIAN NAVY

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 10 países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho e laranja de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

▶ ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [24 killed in clashes in northern Yemen](#). Arab News, 07 set. 2020. Acesso em: 08 set. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Libya: Haftar's forces allegedly violate ceasefire again](#). Middle East Monitor, 06 set. 2020. Acesso em: 08 set. 2020.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Lebanon's central bank governor won't step down, says he tried not to let the system 'collapse'](#). CNBC, 08 set. 2020. Acesso em: 08 set. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [What the Oil Spill in Venezuela Tells Us About Its Politics](#). New York Times, 07 set. 2020. Acesso em: 08 set. 2020.
- MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Aumento das tensões entre Grécia e Turquia: [Greece to boost military amid tension with Turkey](#). Al Jazeera, 07 set. 2020. Acesso em: 08 set. 2020.
- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Belarus protests: Mass rally keeps pressure on Lukashenko](#). BBC, 30 ago. 2020. Acesso em: 08 set. 2020.

▶ MÉDIO RISCO:

- MALI — Crise política: [W. Africa bloc presses Mali junta to hand power to civilians](#). The Washington Post, 07 set. 2020. Acesso em: 08 set, 2020.
- MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Avanço chinês sobre as regiões: [China fires missiles into South China Sea as U.S. sanctions Beijing](#). The Japan Times, 27 ago. 2020. Acesso em: 08 set. 2020.
- FRONTEIRA SINO-INDIANA - Impasse na ALC: [India, China accuse each other of firing shots at tense border](#). Al Jazeera, 08 set. 2020. Acesso em: 08 set. 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Crisis in Mozambique: South Africa to intensify efforts of support](#). The South African, 02 set. 2020. Acesso em: 08 de set. 2020.